

A terceira reconstrução dos EUA

Por Jeffrey Sachs

Valor, 31/03/2021

O racismo americano custa a morrer, mas está morrendo

Os Estados Unidos são duas culturas em uma nação. A primeira cultura trouxe a escravidão, o genocídio dos índios, as leis “Jim Crow” da supremacia branca e as mentiras, a intimidação e a crueldade do ex-presidente Donald Trump, que culminaram na insurreição de 6 de janeiro no Capitólio. A segunda cultura trouxe a alforria, o movimento dos direitos civis, o presidente Barack Obama e, agora, a eleição de Joe Biden.

A cultura supremacista branca, seguida por uma minoria cada vez menor nos Estados Unidos, sempre baseou seu poder na violência e na chamada “supressão do voto”. É por isso que a atual batalha sobre o direito a voto é uma batalha pelo futuro dos Estados Unidos.

A batalha das duas culturas agora se desenrola em várias partes do país e na capital, Washington. A vitória de Biden atíçou os supremacistas brancos e os levou a dobrar a aposta na supressão do voto. O Partido Republicano sabe que não pode manter o poder nacional em uma eleição justa. Portanto, assembleias legislativas estaduais controladas por republicanos vêm promulgando novas restrições à participação dos eleitores com o objetivo de atingir os não brancos.

Em Washington, por outro lado, a cultura inclusiva está levando a cabo no Congresso a reforma nos direitos de voto mais significativa desde os anos 60, com o propósito de garantir o acesso de todos os americanos às urnas.

A supressão do voto é um velho instrumento da supremacia branca nos Estados Unidos. A história foi contada de forma brilhante por W. E. B. Du Bois, em “Black Reconstruction in America” (a reconstrução negra dos EUA, em inglês), publicado em 1935. Du Bois descreve de forma abrangente e em termos angustiantes como os negros lutaram heroicamente por sua liberdade na Guerra Civil dos EUA (1861-1865) e, depois, tendo como armas a educação e muito trabalho, por sua emancipação plena como cidadãos nos anos da Reconstrução (1865-1867).

Ainda assim, essa emancipação foi cruelmente sabotada pela violência e terrorismo de brancos sulistas, somados à indiferença ou ao racismo de muitos brancos nortistas. A supressão do voto dos negros estava no cerne das leis Jim Crow depois da Reconstrução, em violação flagrante da Constituição.

O movimento dos direitos civis dos anos 60 gerou o que se conhece como Segunda Reconstrução, já que tinha por objetivo mais uma vez reconstruir a democracia americana pondo fim às leis Jim Crow. Por sua vez, avanços heroicos como a Lei dos Direitos Civis, de 1964, e a Lei dos Direitos de Voto, de 1965, provocaram outra reação contrária racista.

Quando os democratas nortistas no Congresso superaram a oposição de democratas segregacionistas sulistas para aprovar as leis, o Partido Democrata se dividiu em dois, e o Republicano, liderado por Richard Nixon, adotou a infame “Estratégia Sulista”, para conquistar os brancos racistas na eleição de 1968.

Sulistas brancos trocaram o Partido Democrata pelo Republicano em grandes manadas, e o racismo continuou. A Estratégia Sulista foi seguida por novas táticas de supressão do voto em massa, desta vez recorrendo pesadamente à prisão em massa de pessoas negras por infrações menores ou, muitas vezes, por nenhuma infração real, tomando, assim, seu direito a voto - muitas vezes por toda a vida.

Mas o controle do poder nos Estados Unidos pelos supremacistas brancos sofre uma longa tendência de declínio. A eleição de Obama em 2008 e a reeleição em 2012, assim como a eleição em 2020 da vice-presidente Kamala Harris (primeira mulher e primeira negra a ocupar o cargo) são prova disso.

Trump reagiu audaciosamente ao tentar manter o poder subvertendo o resultado. Primeiro, tentou convencer autoridades republicanas estaduais a falsificar suas contagens de votos e, depois, tentou impedir o Congresso de certificar os resultados.

A derrota de Trump motivou uma onda de projetos de lei de supressão do voto (mais de 250 em 43 Estados) propostos por legisladores republicanos, algo que o Brennan Center for Justice, da Escola de Direito da Universidade de Nova York, vem documentando cuidadosamente.

O Brennan Center resume da seguinte forma: “Esses projetos de lei propostos dificultam o voto, têm como alvo os eleitores negros e direcionam a mira às próprias mudanças eleitorais - como o voto por correio - que fizeram da eleição de 2020”, realizada durante uma pandemia, “não apenas bem-sucedida, mas possível”.

Joe Biden, acertadamente, chamou a nova lei da Assembleia Legislativa da Geórgia, controlada por republicanos, para restringir os votos no Estado, de um claro caso “Jim Crow no século XX”. Portanto, passados 160 anos da secessão dos Estados escravistas sulistas para manter e estender a escravidão e a supremacia branca, os Estados Unidos agora se encontram em sua Terceira Reconstrução.

A primeira foi necessária para acabar com a escravidão; a segunda, para acabar com o apartheid americano; e a terceira, para acabar com a supressão de voto e o encarceramento em massa. (Um dos líderes da Terceira Reconstrução, o reverendo William J. Barber II, escreveu um livro com esse nome que também descreve brilhantemente os desafios à frente).

O racismo americano custa a morrer, mas está morrendo. A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos acaba de aprovar e remeter ao Senado a mais significativa lei de direitos eleitorais e de reforma política desde a Lei dos Direitos de Voto. Essa lei, a S.1 no Senado, criará padrões nacionais para facilitar o registro dos eleitores e o voto, incluindo o voto antecipado e o voto por correio; colocará em vigor normas federais contra a discriminação de eleitores; e restaurará o direito a voto em eleições federais de pessoas que foram condenadas e já estão fora da prisão. A lei também dará passos importantes para reformar o financiamento das campanhas eleitorais.

O Senado em breve colocará em pauta a S.1 e os senadores republicanos representantes da supremacia branca tentarão derrubá-la por meio de táticas obstrucionistas, que exigiriam um mínimo de 60 votos para aprovar um projeto de lei, em vez de uma maioria simples de 51. É a mesma tática que os segregacionistas usaram para frustrar a Lei dos Direitos Civis até os anos 60 e que voltaram a tentar usar, sem sucesso, nos anos 60. A tentativa deles provavelmente voltará a fracassar.

Os democratas, em sua jornada para enterrar de uma vez por todas a supremacia branca, não ficarão sentados enquanto os racistas tentam novamente suprimir os votos dos não

brancos. O Senado muito provavelmente mudará as regras para impedir as táticas obstrucionistas contra esse projeto lei, crucial para enfim garantir eleições justas a todos os americanos - mais de 230 anos depois da adoção da Constituição dos EUA. **(Tradução de Sabino Ahumada).**